



CONTO, UM DIFERENTE MODO DE FORMAR OPINIÃO¹

Maria da Conceição LOPES²
Faculdade Atual da Amazônia, Boa Vista, RR

RESUMO

O desenvolvimento da escrita cooperativa como ferramenta para o desenvolvimento e domínio de técnicas de interpretação e produção textual em Língua Portuguesa é um projeto didático/metodológico de desenvolvimento da leitura/escrita através da produção literária ficcional que foi desenvolvido no segundo semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em publicidade e Propaganda da Faculdade Atual da Amazônia – FAA, com o objetivo de trabalhar de forma mais eficaz a estruturação de algumas modalidades textuais, principalmente, o texto argumentativo que o acadêmico precisa dominar, tendo em vista, que ele, enquanto futuro comunicólogo fará uso das habilidades argumentativas na difícil tarefa de formador de opinião. O presente Projeto Pedagógico teve como culminância a produção de dez livros de contos infanto-juvenil que aborda situações e/ou problemas sociais.

Palavras – chave: conto, comunicação, opinião, comunicólogo.

INTRODUÇÃO

O Projeto é uma proposta metodológica da disciplina de Língua Portuguesa que se insere como uma ação educativa de cursos, cujo objetivo se pauta no desenvolvimento de habilidades nos alunos, mais precisamente nos acadêmicos da Faculdade Atual da Amazônia, sobre o processo de escrita cooperativa.

No campo das pesquisas lingüísticas o tema “escrita” tem sido tratado de diversas formas e a partir de diferentes perspectivas. Para GARCEZ (1998), as pesquisas sobre escrita podem ser agrupadas em três vertentes técnico-metodológicas:

- a) experimental/positivista
- b) cognitivista e
- c) sócio-interacionista.

Em cada um dos casos, grupos observados são submetidos a diferentes testes a fim de observar como se processa a escrita e, ao longo do tempo, a partir dos estudos surgiram as pesquisas sob o prisma cognitivista, que implica no estudo das relações existentes

¹ Trabalho de Pesquisa apresentado ao Inovcom do VIII Congresso de Ciências de Comunicação na Região Norte.

² Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: mcllopes07@yahoo.com.br¹



entre as diferentes variáveis que interferem no processo de produção de textos e os mecanismos mentais usados pelo sujeito para vencer as etapas da escrita.

A partir de nossa prática pedagógica, ao longo dos últimos anos, em especial com alunos de 3ª e 4ª séries e mais recentemente com alunos do ensino superior da Faculdade Atual da Amazônia, e tendo como base a Tese de Mestrado desenvolvida por esta professora, ficou evidenciado, em um primeiro momento que os conteúdos, a teoria a ser trabalhada em sala de aula na disciplina Língua Portuguesa, podem ser aplicados e desenvolvidos de forma mais eficaz e eficiente, no processo de escrita tendo como ponto de partida os conhecimentos e habilidades trazidas por cada acadêmico.

Sob essa ótica, entende-se então que seja de fundamental importância inspirar, instigar cada aluno a apreender outros conteúdos, a desenvolver habilidades ainda não desenvolvidas tendo como ponto de partida àquelas já existentes, ou mesmo interesse afins, em especial essa premissa consiste como base para a elaboração do projeto e ponto para avaliação de resultados, a pesquisa cognitivista.

Nesse processo de pesquisa, estudos já realizados apontam resultados significativos. Nele o professor exerce o papel de leitor do texto do aluno e cooperador no aprimoramento do processo de aprendizagem. Isso evidencia a importância do papel do professor no desenvolvimento das habilidades para a escrita.

Para GARCEZ (1998), as transformações ocorridas no conceito da escrita têm acarretado alterações nas propostas educacionais, que passaram a considerá-lo de forma mais abrangente. A própria noção de alfabetização passou por muitas transformações, cedendo lugar privilegiado na pesquisa às questões de letramento que estão voltadas em outros aspectos para as experiências de leitura e de escrita anteriores ao domínio desse objeto no processo de escolarização formal, para o lugar sócio-cultural da leitura e da escrita em comunidades diferenciadas e não mais para a simples decodificação e reprodução de textos.

O termo letramento começou a ser utilizado no Brasil ainda na década de 80 para designar o indivíduo que não apenas conhece a leitura e a escrita, mas que é capaz de fazer uso do ler e do escrever para responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz.



Em um segundo momento, o letramento passou a corresponder também à posse de competências e conhecimentos avançados em determinado domínio e a ele foi empregado outros termos, como por exemplo, o letramento científico.

Esse letramento científico para o Instituto PISA³, implica em um estudo, em uma avaliação para identificar até que ponto é a capacidade dos estudantes para refletir de modo científico sobre problemas da vida real.

Para essa avaliação o PISA utiliza como classificação seis níveis, quanto maior, melhor é o nível de aprendizagem do aluno. Os estudos estão pautados em alunos com idade de 15 anos, o que considera-se aqui portanto, que são potenciais ingressantes no ensino superior.

Por conseguinte, o letramento em leitura do PISA aponta que 1,1% dos estudantes brasileiros atingiram o nível 5 de proficiência, e embora o estudo aponte uma melhoria existente entre àquele aplicado em 2003 e último realizado em 2006, ainda assim os dados chamam atenção. No PISA 2006 todos os países da OCDE com exceção do México, Turquia, Eslováquia e Grécia, pelo menos 73% dos estudantes estavam situados no nível 2.

Esses resultados refletem no ensino superior, principalmente na disciplina Língua Portuguesa que em primeira instância acaba, até mesmo por aspectos culturais, assumindo uma carga de responsabilidades no sentido de “resgatar esses alunos”, refletem, a dimensão da dificuldade existentes nesses alunos para o uso significativo do conhecimento. A ausência da apreensão de conhecimentos. Com base no exposto acima, observa-se que paralelo à leitura há o processo de interpretação que está contido em todos os momentos da vida de um ser humano e se pauta em primeira instância em suas experiências. Entende-se assim que não há como deixar de reconhecer que para apreender e compreender a escrita, é singular que se faça uma abordagem paralela à interpretação.

³

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS



Dessa forma, é que se optou por trabalhar o método de escrita cooperativa com os alunos dos cursos em que ministrou a disciplina Língua Portuguesa, como forma de promover o desenvolvimento de habilidades e apreensão do conhecimento da disciplina para o alcance do domínio de técnicas de interpretação e produção em Língua Portuguesa. Para tanto foram definidos os seguintes objetivos:

2 Objetivos

2.1 Geral – Promover nos acadêmicos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Pedagogia e Gestão Ambiental, o desenvolvimento da escrita cooperativa como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades, compreensão e domínio de técnicas de interpretação e produção em Língua Portuguesa.

2.2 Objetivos Específicos -

a) utilizar os conhecimentos de cada acadêmico trazidos para a academia como ponto de partida para promover o envolvimento com a disciplina, conseqüentemente o interesse pelos estudos, levando-os a criação de produtos que reflitam seu aprendizado.

b) Definir para cada turma um produto tangível que represente a produção realizada em Língua Portuguesa.

c) Expor durante o Atual Empreendedor os produtos produzidos pelos acadêmicos

3 Procedimentos Metodológicos

Como procedimento metodológico adotou-se a leitura de referentes textos e conteúdos, procurando trazer não apenas textos sobre o próprio conteúdo das disciplinas, mas textos que através dos quais pudesse ser trabalhado esses conteúdos, e também trazer à luz da prática pedagógica o conhecimento de mundo de cada aluno. A partir dessas leituras, houve a promoção de debates sobre o objeto de leitura em questão, e o debate foi ponto de partida para a produção da escrita. A partir dela o uso das técnicas para redação.

A partir desses aprendizados foram definidos os produtos a serem desenvolvidos e a produção foi iniciada e entre os trabalhos, foram escolhidos aqueles para serem expostos no Atual Empreendedor versão 2007. Dentre esses produtos estão os livros de contos.

Tendo em vista que o homem é um construtor ininterrupto de histórias que transformam e legitimam a sua realidade. Como *ser* essencialmente cultural e dependente das suas práticas sociais, a história o configura como elemento fundamental para sofisticação das



suas ações e equilíbrio dos seus conflitos. Assim, projetar nos acadêmicos esses valores práticos e subjetivos, através da leitura direcionada vivenciada no passado, provoca seu crescimento intelectual e dar sentido aos seus atos cotidianos. Por outro lado, levar o acadêmico a refletir o cotidiano através da pesquisa e apropriar-se das habilidades de leitura/ escrita tão necessárias para a projeção do publicitário no mercado de trabalho é uma tarefa a ser desenvolvida não apenas por conteúdos disciplinares, mas, através de atividades alternativas que venha abrir possibilidades de reflexão e posicionamento. O gênero narrativo, presente nos contos foi eleito em amplitude maior, por ser, a nosso ver, um gênero textual capaz de englobar os gêneros descritivos e dissertativos, que ocorre à medida que os escreventes precisam situar os personagens e dar a eles voz para discutir um assunto ou colocar sua opinião.

Com o objetivo de favorecer a leitura/escrita, o estudo e a apropriação da estrutura e da linguagem de textos que pertencem ao domínio do narrar, do relatar, do expor e do argumentar, ou seja, dos gêneros propostos no plano de curso da disciplina: Língua portuguesa: leitura e argumentação de texto; reconhecer e apropriar-se de recursos de linguagem utilizados para descrever a intenção, a circunstância e o contexto da comunicação, fazendo escolhas de linguagem quanto a: estilo verbal ou construção composicional e recursos lingüísticos é que foi pensado, elaborado e executado este projeto pedagógico culminando na estruturação e produção de 10 (dez) livros de contos com 03 (três) a 05 (cinco) contos em cada livro.

Estes livros foram desenvolvido/escritos a partir de um levantamento sobre os problemas sociais que mais contribuem para a não formação plena da pessoa enquanto ser social e cidadão ativo/participativo, partindo da reflexão do acadêmico sobre os fatores que contribuem para essa não formação do cidadão. A partir desse levantamento, foram efetivadas pesquisas para a tomada de conhecimento acerca dos problemas sociais para só então produzir os contos que foram elaborados de forma colaborativa professor/aluno, aluno/aluno/professor salientando com Vygotsky, a importância do papel dos pares “mais capazes” ou outros aprendizes do conhecimento geral equivalente, no desenvolvimento cognitivo do aluno, apresentado na interação social de sala de aula como podemos observar nas fotos a seguir elencadas:



Figura 1: Atendimento para nortear a escrita do conto discutindo a estrutura textual e mostrando como organizar os diferentes discursos no texto.



Figura 2: Trabalho de desenho e ilustração dos contos produzidos



Figura 3: O processo de construção do texto escrito e o trabalho de colorir as ilustrações dos contos prontos.

Figura 4: Atendimento no grupo como par mais experiente.





Durante algumas avaliações nacionais e internacionais foi constatado que um número significativo de alunos brasileiros não compreende o que lê, não consegue fazer relações entre as múltiplas informações que recebe, tem dificuldades em interpretar, apropriar-se do conhecimento trazido pela leitura e fazer deduções a partir daquilo que leu formando seu próprio conhecimento e colaborando, enquanto sujeito ativo com o processo de ensino aprendizagem.

Neste sentido, é mister compreender este Projeto didático/metodológico de leitura/escrita como espaço que instigue no leitor/escrevente necessidades: querer conhecer, apoderar-se de bens culturais ainda guardados pela escrita, narrativas orais, descobrir outros mundos, perceber e buscar outras leituras e outras linguagens que “conversem” com sua leitura/escrita. Essas são necessidades que podem gerar prazer, despertar repertório presentes ou adormecidos, revelar dados pesquisados, fazer sonhar, ajudar a ler/ver o mundo de diferentes formas contribuindo, não só para a sua formação enquanto sujeito da historia, como também colaborando na formação de outros cidadãos também ativos e competentes.

Para tanto, este Projeto foi elaborado. Ele consiste em apresentar uma proposta de produção de contos a partir de problemas sociais e tem como premissa o desenvolvimento de habilidades sobre a diversidade textual, como também desenvolver nos acadêmicos, deste semestre, o interesse pela leitura e produção textual nos seguintes gêneros: descritivo, narrativo e dissertativo. O gênero narrativo, predominante nos contos, foi eleito em amplitude maior, por ser, a nosso ver, um gênero textual capaz de englobar os gêneros: descritivos e dissertativos à medida que os escreventes precisam situar os personagens e dar a eles voz para discutir um assunto.

Além disso, esta escolha deu-se em função de observar-se que em pouco mais de uma década a narrativa tornou-se o objeto de interesse de um grande número de novas investigações. Muitas delas estão de acordo com a visão segundo a qual não se trata apenas de um novo objeto de investigação, como as histórias que as crianças contam, discussões em festas e jantares em diferentes ambientes sociais, relatos de doença e de viagens a outras regiões do país, tendo em vista estarmos em Boa Vista que é



considerada “Um caldeirão cultural”, autobiografias, as retóricas da ciência. Trata-se também de uma nova abordagem teórica, de um novo gênero de filosofia da ciência.

4 Desenvolvimento

4.1 A Importância das Narrativas

Enquanto comunicólogos, os acadêmicos de Publicidade e Propaganda têm também como função, através da linguagem e do discurso persuasivo, a formação e/ou mudança de opinião sobre hábitos e conceitos da população boavistense, brasileira e, por que não disser, já que estamos na fronteira, a população do Mercosul? Assim, a linguagem é utilizada para os mais diferentes propósitos. Como forma de delimitar nossa tarefa de análise, focalizaremos o uso da linguagem para persuasão, foco da *Retórica* de Aristóteles (1959).

A organização lingüística de diferentes tipos de discurso tem sido objeto de interesse para diversas formas de investigação, variando desde aquelas que focalizam aspectos fonológicos até as que analisam os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos, lógicos e estéticos do discurso. Muitas maneiras diferentes de selecionar unidades de linguagem vêm sendo utilizadas: o significado de palavras, expressões, sentenças, atos de fala, textos e formas conversacionais de discurso, todos têm sido analisados; a lógica dos nomes, proposições, metáforas e redes léxicas têm sido investigadas. Entretanto, nenhuma das unidades implícitas em todas essas análises servem para definir um nível de estrutura no qual os poderes persuasivos do discurso possam ser vistos como fundamentados de maneira totalmente satisfatória. Ao contrário, como muitos estudos já demonstraram, a análise desses poderes deve também fazer referência aos aspectos narratológicos da natureza lingüística e cognitiva dos discursos persuasivos.

A origem do interesse pela narrativa nas ciências humanas parece ser a "descoberta", na década de 1980, de que a forma de estória, tanto oral quanto escrita, constitui um parâmetro lingüístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para nossa tentativa de explicar a natureza e as condições da existência humana (Bakhtin, 1981, 1986; Bauman, 1986; Britton & Pellegrini, 1990; Bruner, 1986, 1990; Mitchell, 1981; Nelson, 1989; Ricoeur, 1981, 1984/1985; Sarbin, 1986; Schafer, 1989). É justamente a integração íntima desses posicionamentos relativos à interpretação que oferece o entendimento e a criação dos significados que encontramos em nossas formas de ver a vida. Em particular, com relação a questões referentes à vida humana em sociedade, os



problemas de cunho social, no sentido da desigualdade existente entre as diferentes classes sociais e, sobretudo, pelo fato de ser através da narrativa que compreendemos os textos e contextos mais amplos, diferenciados e mais complexos de nossa experiência. É essencialmente esta noção que tem sido generalizada e ampliada, assim como especificada em um largo contexto de investigações, que incluem estudos sobre as formas pelas quais organizamos nossas memórias, intenções, histórias de vida e os ideais de nossas "identidades pessoais", em padrões narrativos.

Os gêneros e formas dos textos narrativos parecem ser inumeráveis. No entanto, existem entre eles algumas características em comum, quer se tratem de monólogos ou diálogos, histórias verídicas ou literárias, textos orais ou escritos. Em seu sentido mais corrente e geral, a narrativa é o nome para um conjunto de estruturas lingüísticas e psicológicas transmitidas cultural e historicamente, delimitadas pelo nível do domínio de cada indivíduo e pela combinação de técnicas sócio-comunicativas e habilidades lingüísticas – como denominadas por Bruner (1991) – e, de forma não menos importante, por características pessoais como curiosidade, paixão e, por vezes, obsessão. Ao comunicar algo sobre um evento da vida – uma situação complicada, uma intenção, um sonho, uma doença, um estado de angústia – a comunicação geralmente assume a forma da narrativa, ou seja, apresenta-se uma história contada de acordo com certas convenções.

O que faz de um discurso uma história é a estrutura da narrativa, uma condição necessária, personagens e um enredo que evolua ao longo do tempo dentro de um espaço objetivo ou subjetivo. Uma grande variedade de tipos de discurso entenda-se, tipo de texto, satisfaz essas mínimas condições. As espécies do gênero narrativo” são surpreendentemente variadas e multicoloridas: contos populares, análises evolutivas, fábulas, mitos, contos de fada, justificativas de ação, memoriais, conselhos, desculpas, contos sobre problemas sociais, e assim por diante.

Apesar das narrativas tratarem de versões da realidade muito específicas à situação e ao sujeito, elas se utilizam de formas lingüísticas convencionais tais como gêneros, estruturas de enredo, linhas de história e diferentes modalidades retóricas. Assim sendo, a história, seus interlocutores (aqueles que falam e os que ouvem) e a situação em que a própria história é contada, tudo isso se relaciona a uma base histórico-cultural de produção. Dito de outra forma, nosso repertório local de configurações narrativas é



entrelaçado a um cenário cultural mais amplo de ordens discursivas fundamentais, que determinam quem conta qual estória, quando, onde e para quem conta.

Para a maioria dos temas e problemas levantados por esse novo estilo de investigação narrativa, o universo dos textos literários, da linguagem de ficção e da poesia certamente permanecerá como um produtivo ponto de referência. Entretanto, a razão para essa certeza não se baseia, por exemplo, na particular paixão dos psicólogos, sociólogos ou antropólogos pela literatura e pela arte. Ao contrário, relaciona-se com o fato de que os investigadores das ciências humanas deveriam reconhecer que grande parte do nosso conhecimento sobre o discurso narrativo e a mente interpretativa se baseia na longa tradição de pesquisa realizada pelos teóricos da linguística e da literatura, pelos historiadores literários e pelos semióticos da cultura. Um exemplo recente é a extraordinária influência que as teorias de Bakhtin (1981, 1986) relativas aos discursos presentes nos romances (nas quais ele desenvolveu suas idéias da mente dialógica, polifônica e de múltiplas vozes) tiveram sobre os estudos culturais, a Psicologia e a Educação (Brockmeier, 2001; Hirschkop & Shephard, 1989; Wertsch, 1991). Essas múltiplas vozes podem ser vistas claramente em todos os textos produzidos pelos acadêmicos de Publicidade e propaganda.

Existe ainda outra e talvez mais profunda razão. Ela parece se encontrar em uma qualidade excepcional da literatura, tornando-a um campo inesgotável de estudo para a Filosofia, a Psicologia e a Antropologia Sociológica. A literatura como todas as artes, pode ser (e sempre foi) vista como um laboratório no qual as possíveis realidades humanas podem ser imaginadas e testadas. A idéia de laboratório está relacionada à visão de narrativa como um modelo para o mundo. A fim de ilustrar essa qualidade particularmente experimental de mundos fictícios, pode-se para isso, remeter-se a uma idéia que Eco (1994) discutiu em suas conferências em Harvard. Eco argumentou que cada mundo fictício é baseado, de forma parasítica, no mundo de fato ou real, o qual o mundo fictício adota como fundamento. Quando adentramos em um mundo fictício evocado por uma estória e nos imaginamos vagando pelas ruas de uma cidade ou pelas montanhas no campo, onde se localiza a ação da narrativa, nos comportamos nesse mundo como se ele fosse o mundo real; e assim o fazemos mesmo que saibamos tratar-se apenas de um modelo narrativo do mundo de fato. Quando Kafka relata que um de seus famosos personagens, Gregor Samsa, "acordou de manhã de um sonho difícil" e



"encontrou-se em sua cama transformado em um inseto gigante" (Kafka, 1995, p. 67), certamente isso nos coloca perante uma situação extremamente estranha. Ainda assim, a estória *Metamorfose* de Kafka (1995) é um exemplo notável de realismo. O protagonista – e o leitor junto com ele – vê sua inacreditável transformação e reflete sobre ela, como se fosse um evento que ocorresse de acordo com leis absolutamente naturais. A descrição desse evento não apresenta nenhum sinal de que seja algo irreal ou absurdo. Apenas apresenta uma descrição sóbria e realista de como qualquer indivíduo no mundo normal se comportaria para descobrir o que havia acontecido.

Eco (1994) demonstrou que os leitores ou ouvintes de uma estória fictícia precisam conhecer várias coisas sobre o mundo real para poderem assumi-lo como o fundamento correto para o mundo fictício. Eles permanecem com um pé no mundo de fato e o outro no universo narrativo do discurso. Esta é, portanto, exatamente a maneira como funciona o modelo.

Por um lado, na medida em que nos conta a estória de apenas alguns poucos personagens, geralmente em tempo e espaço bem definidos, um universo fictício pode ser visto como um pequeno mundo infinitamente mais limitado que o mundo de fato. Por outro lado, na medida em que adicionam alguns indivíduos, propriedades e eventos ao conjunto do universo real (que serve como fundamento), pode-se considerar maior que o mundo de nossas experiências. A partir desse ponto de vista, o universo fictício não termina com a estória propriamente, mas se estende indefinidamente (Eco, 1994, p. 85).

Eco (1994) apresentou aquilo que, conforme se acredita, é responsável pela qualidade laboratorial da ficção narrativa. Como ele apontou, mundos fictícios são conjugados ao mundo real, o mundo dos assuntos corriqueiros, "mas eles são conseqüentemente 'pequenos mundos' que singularizam a maioria de nossas competências do mundo real e nos permitem concentrar em um mundo finito, delimitado, muito similar ao nosso, porém, ontologicamente empobrecido" (p. 85). Entretanto, por não poder vagar além de seus limites, se é levado a concentrar toda a atenção nesse modelo de mundo, explorando profundamente todas as suas variações possíveis e impossíveis e desenvolvendo uma atitude reflexiva no indivíduo que ler sensibilizando-o e fazendo com que este sujeito efetue mudanças em seu universo e o que acontece quando se ler,



por exemplo, os contos do livro *Exploração do Trabalho Infantil ou Inclusão Social: um processo possível* ou ainda, *Contos da Fauna Amazônica*. Conhecer, o mundo de Pedrinho, a Vitória o Betinho de rodas e seus amigos é, além de uma aventura fascinante, um momento de reflexão sobre as atitudes que tomamos no nosso dia-a-dia é reconhecer que ainda agi-se de forma preconceituosa com quem é diferente.

Uma das funções essenciais da narrativa como arte é, portanto, subjetivar o mundo, conforme Bruner (1990) formulou: abrir-se para o hipotético, para o aspecto de perspectivas reais e possíveis que constituem a vida genuína da mente interpretativa (Brockmeier, 1996). Entretanto, para finalizar, enfatiza-se que a visão de narrativa apresentada aqui não se direciona apenas para os mundos literários de imaginação e fantasia como opostos ao mundo da realidade ordinária – que representa a visão do senso comum. Ao contrário, aqui se argumenta que as opções exploratórias e experimentais da narrativa são inextricavelmente ligadas a nossa realidade transitória propriamente dita: com a realidade material fluida e simbólica de nossas ações, mentes e vidas. Ao que tudo indica, é definitivamente a função narrativa que preenche a condição humana com sua particular abertura e plasticidade. Assim sendo, uma razão – talvez até mesmo um *leitmotiv*, quer dizer, de motivo maior – para se estudar as realidades narrativas deveria ser a investigação da qualidade de abertura presente na mente discursiva e o descobrimento das formas multifacetadas de discursos culturais em que elas se realizam.

A constatação sobre a dificuldade de leitura em âmbito acadêmico foi o que impulsionou os alunos do segundo semestre a observar que a não habilidade de leitura/escrita é, hoje, um dos elementos dificultante do aprendizado e essas habilidades precisam ser desenvolvidas a partir das séries iniciais, tendo como premissa que é lá que começamos a ser alfabetizados. Nesse sentido, e para que não só as habilidades de leitura/escrita, mas o gosto e o prazer pela leitura fossem instigados é que se elegeu como público-alvo para o desenvolvimento e produção dos contos os chamados *infanto/juvenis* com o intuito não só de colaborar na formação de um leitor ideal mas também fornecer mais uma parcela de contribuição na formação dos futuros cidadãos na esperança da sensibilização para o desenvolvimento de um mundo mais justo para todas as classes sociais que formam o conjunto dos seres humanos na imensidão desse universo.



Figura 05: Exposição dos livros no Atual empreendedor. As pessoas lendo os livros. O interessante é que não apenas crianças leram, mas o Projeto chamou atenção de muitos adultos. Entre crianças e adultos tivemos um total de aproximadamente 250 visitantes.

Figura 10: Trabalho de contar estória - efetivado no Atual cidadania, outra forma de divulgar o trabalho e observar resultados no sentido de apreciação do publico infantil.



Figura 11: Trabalho desenvolvido na Fundação Bradesco durante a Ação Voluntária 2008.

A partir das atividades desenvolvidas, que contemplam àquelas indicadas pelo PPP (Projeto Político Pedagógico) do curso, verifica-se que a inclusão de métodos que possibilitem oferecer maior dinamicidade ao aprendizado é de suma importância, uma vez que concorremos (professores) diretamente com o “boom” dos meios eletrônicos e a velocidade da internet. Os alunos já não param mais para adquirir e apreender



conteúdos. É mister afirmar que utilizar como ferramenta a elaboração de contos tomando como ponto de partida a própria realidade é desenvolver de forma satisfatória e rica a habilidade para a leitura e a escrita que contribui para o atendimento 462 do MEC que indica o perfil do profissional em comunicação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

Aristotle (1959). *Ars rhetorica*. Oxford: Clarendon, W. D. Ross.

BLOOM, H. Como e por que ler. Rio de Janeiro: objetiva, 2000.

Eco, U. (1994). *Six walks in the fictional woods*. Cambridge, MA & London: Harvard University Press.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LOPES, M. da C. O Processo de Interlocução em Eventos de Escrita Cooperativa. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística – UFRN, Natal – RN. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira.

KAFKA, F. (1995). *Metamorphosis, In the penal colony, and other stories* (J. Neugroschel, Trad.). New York: Schocken.

MILLER, P. J. (1994). Narrative practices: Their role in socialization and self-construction. Em U. Neisser & R. Fivush (Orgs.), *The remembering self: construction and accuracy in the self-narrative* (pp. 158-179). Cambridge: Cambridge University Press.

MOURA E CASTRO, C. A penosa evolução do ensino e seu encontro com o Pisa. Parecer sobre a participação do Brasil no Pisa.

MORIN, E. Meus demônios. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ROJO, R, org., A prática da linguagem em sala de aula, 2000.